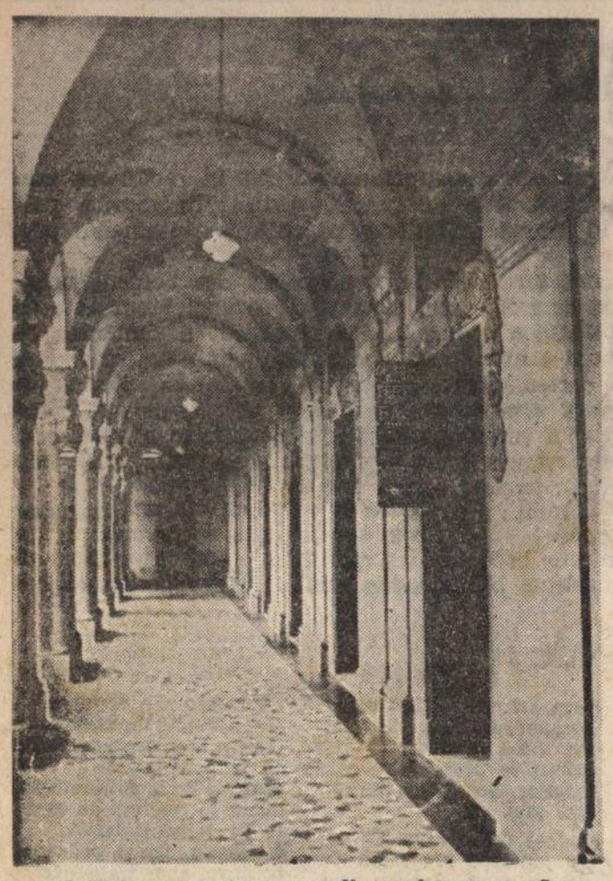


O IBA com seus cursos livres é uma opção aos estudantes de artes.

O XANGRILÁ CARIOCA

IRACEMA DE ALBUQUERQUE MELLO

ESPECIAL

A Escola de Artes Visuais (EAV) está situada no Parque Lage, à Rua Jardim Botânico, 414. Em meio a um bosque belíssimo, onde mães jovens e babás empurram carrinhos com bebês, crianças brincam em balanços e gangorras, alunos lêem ou tocam violão, vemos passar de repente um caxinguelê segurando uma frutinha nas patas dianteiras e, após roê-la, esconder-se, arisco, nos ramos de uma árvore. Deitar num banco de madeira branca e ver o céu verde das folhagens que se encontram, cruzadas, e ouvir, para além das buzinas dos carros e ônibus da rua, as cigarras e aves que cantam. Palmeiras majestosas erguem-se geométricas nas aléias que conduzem à antiga mansão da cantora lírica Besançone Lage, já falecida, em estilo neo-clássico eclético. Algumas dezenas de carros coloridos estão estacionados à volta da casa de pedra cinza clara. Jovens de calças Lee, com pastas ou cavaletes, sobem as escadas da entrada que dá para um saguão de mármore com murais e cartazes, de onde se avista uma linda piscina com plantas, peixinhos e chafarizes que se iluminam à noite, no pátio central. Nessa piscina foi filmado parte de "Macunaíma", de Joaquim Pedro de Andrade. Esvaziada e transformada em auditório ao ar livre, foi recuperada pelo novo diretor, o artista plástico Rubens Gerchman, que tomou posse do cargo em novembro de 1975.

Instituto de Belas Artes: beleza arquitetônica com um ensino livre.

Gerchman tem trinta e quatro anos e é dinâmico administrador. Em seis meses de gestão, transformou uma escola acadêmica em uma Universidade aberta, cheia de vida e alegria. Embora naja, de início, tomado medidas que desagradaram os alunos antigos, como a transferência do Curso Superior de História da Arte para a Escola de Teatro Martins Pena, no Centro, conseguiu superar as divergências surgidas ao reintegrar esses alunos ao Parque, em abril. De todas as administrações que teve a EAV, anteriormente denominada Instituto de Belas Artes, a de Gerchman é, fora de dúvida, a mais radical, arrojada, criativa e reformuladora.

A EAV é uma escola de vanguarda, experimental e com cursos de curta duração, como o Básico, em seis meses, ou as oficinas profissionalizantes de Fotografia, Cenografia, Serigrafia, Cinema, Gravura, Escultura, Cerâmica, Desenho e Pintura (2D), Objetos e Relevos (3D). A escola conta ainda com Centros de Lazer (Pintura, Expressão Corporal, Marionetes e História de Arte) e uma Faculdade não oficializada, cujo vestibular foi interrompido este semestre com cerca de 60 alunos e duração de quatro anos. Medidas burocráticas competentes estão sendo tomadas por alguns professores e alunos dessa Faculdade, que visa a formação de professores e críticos de Arte, a fim de regularizar sua validade, altamente justificável, a nosso ver, já que não existe no Brasil nada nesse sentido. Depoimentos de intelectuais e artistas do maior renome, como Oscar Niemeyer, membros da Academia Brasileira de Letras e críticos, dão incentivo a que se supra essa lacuna cultural em nosso país.

As salas de aula da EAV situam-se à volta da piscina, através do corredor que a percorre dos quatro lados. No segundo andar está o auditório, onde são ministradas aulas de História da Arte pelos professores Frederico de Morães, João Vicente Salgueiro, Sônia Farriá Machado; aulas de cinema, pelo professor Sérgio Santeiro; aulas de Expressão Corporal, pelos professores Hélio Eichbauer e Marcos Ribas; algumas aulas do ciclo Básico, pelos professores Avatar de Moraes, e Maria de Lourdes Novaes, entre outros. Nesse auditório realizam-se, à noite, sessões de cinema (às quintas-feiras, às dezenove e trinta horas), de teatro, shows musicais, etc. Na Sala de Eventos, maior que o auditório, realizam-se exposições, como a de Fotolinguagem e a atual Mostra de Cartazes (Cartages). Quando o tempo está firme, entretanto, as sessões de cinema são efetuadas ao ar livre, no terraço do terceiro andar, em contato direto com a paisagem lindíssima, enquanto os eventos, como lançamento de livros, show de rock e poesia, são preparados em torno da piscina.

Ainda no primeiro andar estão as salas da direção da escola, a secretaria do INEART (Instituto Estadual de Escolas de Arte) e da EAV, as salas da Faculdade de História da Arte, as de Cenografia (professor Marcos Flaksman), as de Desenho (professor Roberto Magalhães), dois banheiros e a cantina. No subsolo estão as Oficinas e a Biblioteca. No terceiro andar, salas do Curso Básico, como de 3D (professores Gastão Manoel Henrique e Avatar de Moraes); sala do Cineclube, oficinas de carpintaria e eletricidade; terraços onde se filmou "Terra em Transe". O Cristo Redentor, próximo, completa o quadro.

ALUNOS

Belmira freqüenta o terceiro ano da Faculdade de História da Arte e mora no quilômetro dois da Via Presidente Dutra. Usa um casaco de lã vermelha e sandálias, o rosto redondo e suave sem pintura. É protestante, tem dois filhos de doze e sete anos. Responde primeiramente sobre a escola que ajudou a fundar no bairro de Vila Tomazinho, onde mora.

— Quando eu ainda era solteira reuni-me a um grupo de dezessete pessoas vizinhas e compramos um cômodo para que as nossas crianças pudessem estudar o Primário. Os alunos eram, então, cerca de cento e cinqüenta, divididos em três turmas. Os professores possuíam apenas diploma ginasial, na maioria. Anos mais tarde passou a pertencer ao Governo do Estado: cresceu muito, portanto pedimos a vereadores que a oficializassem e o conseguimos. Trabalhei lá dez anos. Atualmente está situada no prédio Visconde de Cairu, lá em Tomazinho mesmo, que é uma casa com seis salas e um pequeno pátio. A escola funciona de manhã e à tarde e o número de alunos, agora, é de seiscentos. Recebemos merenda escolar mas não temos material didático. À noite temos adultos que desejam alfabetizar-se. Estou fundando também um centro de catequese na escola, que se chama Vila Humaitá. É o departamento GREI, que significa Grêmio Recreativo Evangélico para a Infância.

— Fale um pouco do seu bairro.

— Moramos em casa própria, com três quartos. Quando venho para cá, deixo meus filhos com uma amiga que vive conosco e seus dois filhos, também. Levo duas horas para chegar aqui no Parque Lage. Tomo três conduções: uma até a Pavuna outra até a Praça Mauá e uma terceira até o Jardim Botânico. Nesse horário a condução é difícil, venho de pé todos os dias. Nosso bairro não tinha água e luz até algum tempo, mas conseguimos obter esses serviços públicos essenciais através de um abaixo-assinado dos moradores. O local oferece desvantagens como a freqüência de um grande número de marginais. Em outubro mesmo, meu marido foi baleado na nuca e quase morreu, ao voltar para casa, uma noite. Ele é chofer de táxi gratuitamente, para a nossa igreja. Mas como trabalha no Galeão, lá perto, não pretendemos nos mudar de casa. Ele ensina Religião, dirige cultos, organiza outras comunidades. Eu também dou aulas particulares quando não estou aqui, ou estudando, ou cuidando de minha família.

— E por que veio estudar História da Arte?

— Eu tentei o vestibular de Medicina no Casarantio e não passei. Então li no jornal sobre o Curso Superior de História da Arte, faculdade em quatro anos, embora não fosse reconhecida oficialmente, e me interessei pela possibilidade de vir a lecionar para meus alunos de Tomazinho, mais tarde, com o certificado. Aqui encontro inúmeras vantagens. Pago apenas duzentos cruzeiros semestrais à Caixa Escolar, por exemplo. Posso utilizar os ótimos livros da biblioteca, que jamais poderia comprar. O ensino é sério e ministrado por vários professores excelentes, tais como o Alcídio Maffra de Souza, que é autor de vários livros, foi professor do Instituto de Educação, diretor desta escola, dono de profunda cultura, muito nosso amigo. O professor Elmer Barbosa, que também leciona História da Arte na PUC, aqui nos ensinou Filosofia e Sociologia da Arte. O Elmer é pesquisador de música sacra brasileira antiga, também. Já foi diretor da Faculdade de Comunicação Estácio de Sá, tem vários trabalhos publicados, é membro de um instituto psicanalítico que se interessa muito por Lacan e atualmente está escrevendo um livro sobre o Marcel Duchamp. Além disso, compõe música clássica, já foi pintor abstrato, enfim é um estudioso de alto gabarito. Sua esposa, Anita, dá dois anos de Teoria Musical para nós. O Professor de Arte Brasileira, Wladimir Alves de Souza, é também muito conhecido por seu trabalho no campo artístico, como conselheiro do Patrimônio Histórico, tendo várias obras publicadas. Enfim, como não poderia falar de todos, direi apenas que as matérias do curso são muito importantes para aqueles que querem se aprofundar na Teoria da Arte, e não aprender superficialmente apenas seus problemas. Temos cadeiras como Antropologia, Pesquisa, Crítica, Cultura Contemporânea, etc. Freqüentamos exposições e ateliers, assistimos a projeções de filmes e de slides, temos enfim tempo para refletir e relacionar os problemas da Arte a outros campos que lhe estão interligados.

A segunda aluna entrevistada por nós chama-se Guiomar, tem vinte e seis anos e mora também no subúrbio, em Vila Valqueire, Jacarepaguá. Leva duas horas e meia de ônibus até a escola e já trabalhou como "foca" na TRIBUNA DA IMPRENSA e na revista Amiga. Colega de Belmira, está no terceiro ano do Curso Superior de História da Arte, além de estudar Francês na Aliança, através de uma bolsa.

— Guiomar, como você consegue freqüentar filmes, exposições pagas, teatros, se atualmente está desempregada?

— Vou às peças de teatro quando estão já em final de temporada e os preços baixam, às vezes, até cinco cruzeiros. Também vou as peças levadas em Universidades, que são mais baratas ou mesmo gratuitas, como as da Escola de Teatro Martins Pena. Junto o dinheiro da sobremesa para poder ver filmes de Buñel, Pasolini, Bergman. Venho ao Cineave, aqui na escola, onde a entrada custa apenas três cruzeiros e os filmes são nacionais e de vanguarda, como "O Monstro Caraíba", de Bressane, "Sem Essa, Aranha", de Sganzerla, "Assuntina das Américas", de Rosenberg Filho. Vou às audições gratuitas do IBAM, de música erudita, às segundas-feiras. Tenho um amigo que trabalha no Jornal de Letras e consegue, às vezes, entradas para eu ir à Sala Cecília Meireles. Leio os livros de nossa biblioteca, além de freqüentar muito a do MAM, a do MEC e a da Maison de France. A Biblioteca Thomas Jefferson, na Rua Barata Ribeiro, passa filmes excelentes: vi ali uma retrospectiva do cinema americano, vi filmes de artistas plásticos contemporâneos como Oldenburg, Rauschenberg Calder e muitos outros, palestras sobre música de Cage e Yves, exposições. Lá emprestam, além de livros, discos e fitas gratuitamente. Na Biblioteca Regional de Copacabana assisti um curso intensivo de teatro, excelente, e outro de História da Arte. No Clube dos Decoradores, na Praça Sarah Kubitschek, ouvi boas aulas também. No Centro de Pesquisa Bruno Tausz, em Ipanema, na Rua Paul Redfern, assisti a dezenas de áudios sobre artistas plásticos contemporâneos, às quartas à noite, sem gastar nada. Vejo todas as boas exposições semanalmente. Até à Bienal Nacional de São Paulo, em 74, consegui ir, mas desta vez porque minhas colegas mais íntimas fizeram uma "vaquinha" e pagaram minha passagem de ônibus, e eu voltei no fim do dia. Leio o Jornal do Brasil em segunda mão, coleciono os recortes. Ouço rádio, vejo televisão, e assim consigo manter-me informada. A escola proporciona-me enormes vantagens culturais: danço com o Eichbauer, assisto aulas do Frederico de Morães e Sérgio Santeiro, pagando apenas pelo curso em que estou.

Belmira e Guiomar são exceções, já que a maioria dos alunos da EAV mora na Zona Sul: muitos vêm às aulas de carro, de táxi, de ônibus circulares.

A média de idade dos estudantes, atualmente, é de vinte e cinco anos, embora haja pessoas mais novas, como Fernando, que desenha com o Roberto Magalhães, e tem dezenove anos; Paulo, do Cineave, que tem dezessete; Rogério, que faz Gravura com o professor Grosso, e tem dezoito anos. Há também pessoas de mais idade, como Yolanda, da Faculdade de História da Arte, que, apesar dos cabelos brancos, quer aprender sempre. Vários senhores aposentados pintam ao ar livre. Donas de casa são freqüentes entre os alunos: Gilda tem três filhos, um deles na Universidade. Vera tem quatro; Eliane está grávida de um segundo bebê, em dois anos; Helena Elisa é recém-casada.

Um dos alunos mais engraçados da escola é o Rogério De Bocchino. Tem vinte e três anos e vai ao Parque Lage diariamente há seis anos. É um sósia do Woody Allen.

— Adoro isto aqui, é um barato: minha segunda casa.

Rogério gosta de ajudar todo mundo: troca pneu, tira carro de vaga difícil, descola vitrola, ajuda a gravar, vende entradas nas sessões de cinema, aperta com seu dedão duro de lutador de karatê tachinhas em murais, é utilíssimo. Em troca, pede um beijo às meninas e, de vez em quando, que lhe paguem o café, que está duro.

O ambiente da escola é festivo, de amizade e informalismo, fácil comunicação. Grupos reúnem-se no chão do pátio, em volta da piscina; outros, preferem concentrar-se na biblioteca; outros ainda, passeiam pelo bosque, tirando fotografias, cantando, até as grutas, lagos, riachos, caminhos que se perdem na extensão verde. A cantina está sempre cheia, os degraus da escada [illegible]dos, num burburinho de vida e movimento que só [illegible]Dol à hora do almoço e à noite.

Raimunda trabalha na cantina. Sua voz é ouvida dos corredores, dando "broncas" que assustam apenas à primeira vista. É uma senhora bondosa e trabalhadeira, sentimental, dedicada mãe e avó. Entre uma receita e outra, conta que trabalha ali há muito tempo:

— Estou na escola há quase vinte anos. A princípio, quando ainda estávamos na Urca, fui jardineira de usar tesourão, capinei, puxei até carroça, além de lavar a roupa. Depois fiquei com a parte da cozinha. Gostei de todos os diretores, mas o que mais me ajudou foi o Oberg, ponha o nome dele aí. O Darcy também ajudou muito, o Gerchman é muito bom pra mim, mas o Oberg é que me fez criar a minha filha de modo a que ela hoje estude Arquitetura na Faculdade Bennett, esteja casada e com uma filha.

Eugenia serve café para os professores. Faltam-lhe os dentes da frente, tem varizes. Ganha oitocentos cruzeiros por mês e cursou Enfermagem, tendo trabalhado três anos em hospitais de Recife e em casas particulares.

— Moro em Senador Camará, num partamento da COHAB que invadi porque estava abandonado e eu não tinha onde ficar com meus três filhos. Levo duas horas de trem para vir aqui. Meu marido é bígamo, desejo encontrá-lo para anular nosso casamento: procuro-o há nove anos.

Seu Ladislau usa cabelo "black-power" e barbas. Trabalha na escola há quatro anos. Responde com timidez, enquanto varre o chão de cimento:

— Moro num barraco bom, de dois quartos, no Morro do Chapéu da Mangueira. Tenho dois filhos e minha mulher cozinha para fora. Meu horário aqui é de sete às seis. Antes, fui porteiro da ADEG, Administração dos Estádios da Guanabara, no Maracanã, mas trabalho desde os doze anos de idade. Fui mensageiro, fui jardineiro também. Aqui tenho várias vantagens, como comida grátis, um mês de férias por ano, triênio, salário-família. Todos são muito bons para mim.

Seu Abraão trabalha atualmente como cinegrafista e na sala de carpintaria. Tem vinte e nove anos e um permanente bom humor.

Estou aqui há nove anos. Antes disso, trabalhei na seção de cenografia da antiga TV Excelsior, já falecida... Agora estou na TV Globo todas as noites, preparando os cenários da novela "Casarão". Moro em Cordovil, no Conjunto Residencial. Sou casado e tenho dois filhos, que levo na pracinha aos domingos. O diretor Rubens Gerchman pagou-me um curso de três meses, nas férias, para eu aprender a operar com máquina de cinema. Antes era só amador, "quebrava o galho". Tive aulas diárias de hora e meia, na Rua Paissandu.

Maurício, servente novo, tem dezenove anos.

— Estou no serviço há apenas uma semana. Eu era mecânico-ajudador, antes disso. Sou solteiro e moro com dois irmãos num barraco da Gávea. Faço o ginasial à noite.

Wanderley tem dezessete anos e já terminou o ginásio. Mora numa favela da Penha. Usa um boné azul, de lado, que diz ser do desfile de sua escola de Samba, o Império Serrano. Ajuda o professor de Litografia e aprende técnica de impressão, graças ao interesse em incentivá-lo por parte do diretor. À noite, freqüenta um curso de datilografia.

— Já trabalhei numa fábrica de tecelagem, em São Cristóvão, ano e meio. Tenho o certificado. E também numa fábrica de móveis, como aprendiz de marceneiro. Nos fins de semana namoro, jogo pelada, bato papo no botequim, vejo televisão. O programa de que mais gosto é "O Homem Invisível".

Possídio e Eliane, modelos, são pagos pela direção para dançar e, assim, se descontraírem mais.

Dorinha trabalha na biblioteca. É loura, de olhos azuis, voz meiga. Tem quatro filhos casados, já é avó. Pede prendas para a festa junina da Igreja Santa Cruz, do Bairro Peixoto. É também professora primária, Marley, datilógrafa, Dona Ely procura uma ficha no arquivo, uma bibliotecária ruiva passa um filme na saleta anexa. Cinamor já não trabalha aqui, é secretária particular do Gerchman. Ajuda os alunos do Cineave a rodar programas no mimeógrafo com carinho. Cândida trabalha na secretaria:

— Estou na escola desde seu início, praticamente. Lá na Urca havia poucos alunos. Com a criação, por decreto, do Curso Superior de História da Arte, no governo Lacerda, o número de alunos foi crescendo. Antes disso, só o Flávio de Aquino e o Flexa Ribeiro davam aulas. Saímos de lá porque o local se transformou em clube da Escola Superior de Guerra. Aqui sou agente de pessoal: cuido da freqüência, ponto, processos, pagamento de triênios, etc. É uma função independente. Fiz concurso e iniciei como escriturária. Adoro trabalhar aqui. Já estive em outros empregos, como recepcionista da Galeria Domus, por exemplo, ou junto ao Tenreiro, mas é daqui que mais gosto. Trabalho há vinte e dois anos para o Estado. Atualmente fico aqui só de manhã. À tarde sou assistente de um "expert" em quadros. A época em que mais gostei daqui foi quando lecionavam o Clarival de Prado Valladares, o José Roberto Teixeira Leite, o José Guilherme Melchior. Eu estudei até o segundo ano da Escola Nacional de Belas Artes, sabia? Fui contemporânea da Maria de Lourdes, do Alcídio, do Onofre, da Marly. Mas eu era muito louca, não agüentava ser proibida de fumar, de colar, então saí.

— O que mais você conta de interessante sobre a escola?

— Quem sabe de tudo é a Raimunda. E o professor Palmeira, meu amigo. Te conto, por exemplo, que dizem que a alma da Besançone Lage volta às vezes à escola, para cantar no auditório e matar as saudades da casa...

OS PROFESSORES

O Roberto Magalhães dá aulas às quintas e sextas-feiras à tarde em uma sala dupla, em frente à piscina e ao lado do bar. É alto, magro, moreno, desengonçado. Muito tímido. Introvertido. Sério. Enquanto os alunos desenham nas pranchetas — cerca de quinze, aproximadamente — o mestre procura interferir o mínimo possível. Lê um livro de Medicina.

— Como é que seus trabalhos são tão livres, cheios de humor e cores vivas, e você é assim exatamente o oposto, como um urso?

— Por temperamento. Na arte, exprimo meu mundo interior. Não preciso, portanto, falar mais nada sobre ele.

— Quando você começou a pintar?

— Desde criança. Minha primeira exposição, entretanto foi em 1962, na Galeria Macunaíma, atrás da Escola de Belas-Artes onde eu ia apenas para bater papo e ver o que o pessoal estava fazendo. Fui logo aceito pela crítica. Eram bicos-de-pena surrealistas. A partir de então expus sempre, em coletivas e individuais. Minha última mostra foi na Petite Galerie em 1975.

Vi na Maison, o ano passado, uma parte da coleção que o Gilberto Chateaubriand tem da sua obra. Li também na revista Planeta contos seus.

— Tenho quatro livros de poesias e contos fantásticos não publicados.

— O ano de 1965 foi importante para você e seu grupo, não?

— Sim, nossa geração reformulou os conceitos de arte. Embora trabalhando individualmente, Gerchman, Antonio Dias, Vergara e eu compartilhávamos de idéias semelhantes. Essa foi a época das exposições Opinião 65, Nova Objetividade Brasileira. Em 66 recebi o prêmio da Bienal de Paris, além do Prêmio do Salão Nacional de Belas-Artes.

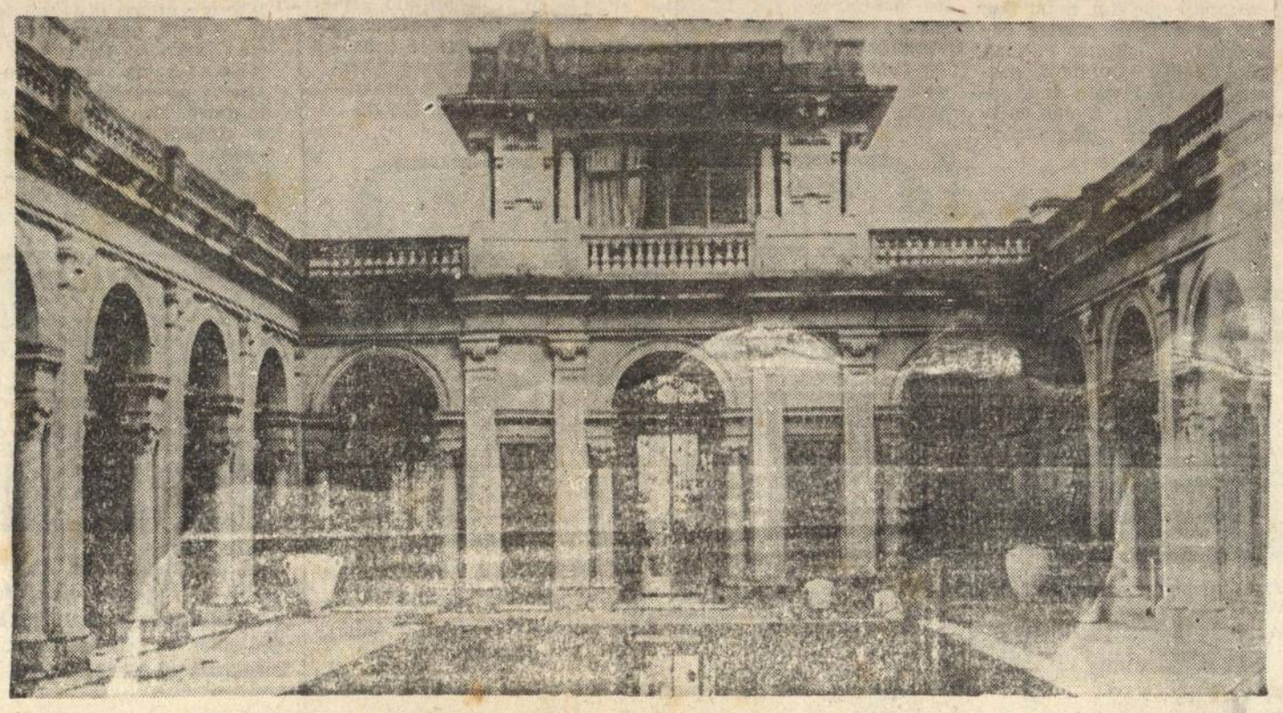
— Fui então para Paris com minha esposa, Andreia, e de lá viajamos pela Europa dois anos. Outros prêmios que me gratificaram muito foram o de Jovem Desenho e Jovem Gravura Brasileiros.

— E aqui, o que você ensina?

— Técnicas de desenho: lápis, crayon, bico-de-pena, aquarela, gouache.

O professor de Cinema, Sérgio Santeiro, parece o Roberto Carlos. É sociólogo pela PUC e leciona em vários locais, como a PUC, de Jacarepaguá. Cineasta, dirigiu "O Guesa Errante", baseado em Sousândrade, "Universidade Federal", "Companhia Siderúrgica Nacional", "Klaxon", "Paixão" e outros curtos. Co-dirigiu "Os Herdeiros", de Carlos Diegues. Traduz livros e artigos de Sociologia. É a favor de um cinema engajado nos problemas do país. Dá aulas no Cineave duas tardes por semana e tem uma personalidade crítica sorvebeteira, contundente. Expontâneo, é ator quando professor. E poeta, sempre.

O professor Hélio Eichbauer dá Expressão Corporal duas manhãs por semana no EAVE e é adorado pelos alunos, que nunca querem que a aula termine. Aula que é dança, festa, brincadeira em grupo.



Mais de seiscentos alunos participam de cursos profissionalizantes.